

Requisito: Entender o que é o sacrifício

SACRIFÍCIOS DOS PASTORINHOS

Na linguagem comum, associamos à palavra ‘sacrifício’ a ideia de algo custoso ou doloroso, algo que implica perda ou morte. Na sua etimologia, ‘sacrifício’ deriva da expressão em latim *sacrum facere*, isto é, fazer ou tornar algo sagrado. Em sentido crente, algo se torna sagrado na medida em que é para Deus, em que lhe é *consagrado*, isto é, entregue, ofertado a Deus. Assim, sacrifício significa primeiramente oblação, entrega, oferta, dom.

No sacrifício de Cristo na cruz encontramos a expressão máxima do dom: Cristo, despojando-se de tudo e de si, entrega a vida por amor, ao Pai, de modo livre e gratuito, até ao extremo na Cruz, para salvação de todos aqueles que o Pai ama. Este foi e é o sacrifício por excelência, tradução de um amor radical e sem medida, sem sombra de egoísmo, que aceita perder por amor de outro(s).

O sacrifício é, em sentido cristão e no contexto da mensagem de Fátima, expressão de amor a Deus e ao próximo, ao jeito de Cristo, onde a expressão extrema do amor de Deus se traduz no sacrifício da cruz. O amor radical, misericordioso e compassivo de Deus, que deseja o bem e a salvação de todos os seus filhos, é o motor e a única razão de ser do sacrifício. Só este amor justifica e dá valor ao sacrifício; o sacrifício torna-se resposta ao próprio amor e às exigências do mesmo. Quem experimenta ser assim amado por Deus na relação com Ele –ser alvo deste amor infinito, incondicional, sem medida que transforma e salva – sente-se chamado a dar-se e a dar tudo para corresponder a este amor pela dádiva total de si próprio, em favor de outros. O sacrifício leva o amor revelado e experimentado à prática da vida pelo exercício da dádiva generosa, livre e obediente de si mesmo, dando-se, implicando-se e comprometendo-se com a vida e o destino de outros.

Isto é o que verificamos na vida de Jacinta. Em resposta ao amor de Deus vemos a Jacinta dar tudo e dar-se sacrificadamente, como Cristo, por amor, para salvar aqueles que o Pai ama e deseja conduzir à comunhão consigo. Embora custoso, Jacinta dá com alegria e a dádiva por amor, mesmo sem ver frutos ou retribuição, enche o seu coração de gozo.

Os sacrifícios dos Pastorinhos, quer aceitando circunstâncias difíceis do seu dia a dia em consequência das Aparições, quer inventando formas de se unirem solidariamente ao sofrimento de outros, foram o seu modo de exercitarem o despojamento de si próprios, a dádiva total de si, a renúncia a todo o egoísmo e satisfação pessoal, em favor dos outros por amor a Deus.

Das Memórias da Irmã Lúcia

Fomos, pois passar as horas da sesta à sombra das árvores que cercavam o poço já várias vezes mencionado. De repente, vimos o mesmo Anjo junto de nós. – Que fazeis? Oraí! Oraí muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. **Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios. – Como nos havemos de sacrificar? – perguntei. – De tudo que puderdes, oferecei um sacrifício em ato de reparação** pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. **Sobretudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento** que o

Senhor vos enviar. - Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começamos a oferecer ao Senhor tudo que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, exceto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado. (*Memórias da Irmã Lúcia* 170)

Quando, nesse dia, chegámos à pastagem, a Jacinta sentou-se pensativa, em uma pedra. – Jacinta! Anda brincar! – Hoje não quero brincar. – Por que não queres brincar? – Porque estou a pensar. Aquela Senhora disse-nos para rezarmos o Terço e fazermos sacrifícios pela conversão dos pecadores. Agora, quando rezarmos o Terço, temos que rezar a Ave Maria e o Padre Nosso inteiro. E os sacrifícios como os havemos de fazer? O Francisco discorreu em breve um bom sacrifício: – **Demos a nossa merenda às ovelhas e fazemos o sacrifício de não merendar!** Em poucos minutos, estava todo o nosso farnel distribuído pelo rebanho. E assim passámos um dia de jejum, que nem o do mais austero cartuxo! (MIL 45-46)

A Jacinta tomou tanto a peito os sacrifícios pela conversão dos pecadores, que não deixava escapar ocasião alguma. Havia umas crianças, filhos de duas famílias da Moita, que andavam pelas portas a pedir. Encontrámo-las, um dia, quando íamos com o nosso rebanho. A Jacinta, ao vê-los, disse-nos: – **Damos a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores? E correu a levar-lha.** Pela tarde, disse-me que tinha fome. Havia ali algumas azinheiras e carvalhos. A bolota estava ainda bastante verde, no entanto disse-lhe que podíamos comer dela. O Francisco subiu a uma azinheira para encher os bolsos, mas a Jacinta lembrou-se que **podíamos comer da dos carvalhos, para fazer o sacrifício de comer a amarga.** E lá saboreámos, aquela tarde, aquele delicioso manjar! A Jacinta tomou este por um dos seus sacrifícios habituais. Colhia as bolotas dos carvalhos ou a azeitona das oliveiras. Disse-lhe um dia: – Jacinta, não comas isso, que amarga muito. – Pois é por amargar que o como, para converter os pecadores. Não foram só estes os nossos jejuns. Combinámos, sempre que encontrássemos os tais pobrezinhos, dar-lhes a nossa merenda; e as pobres crianças, contentes com a nossa esmola, procuravam encontrar-nos e esperavam-nos pelo caminho. **Logo que os víamos, a Jacinta corria e levar-lhes todo o nosso sustento desse dia, com tanta satisfação, como se não lhe fizesse falta.** Era, então, o nosso sustento, nesses dias: **pinhões, raízes de campainhas (é uma florzinha amarela que tem na raiz uma bolinha do tamanho duma azeitona), amoras, cogumelos e umas coisas que colhíamos na raiz dos pinheiros, que não me lembro agora como se chamam; ou fruta, se a havia perto, em alguma propriedade pertencente a nossos pais.** A Jacinta parecia insaciável na prática do sacrifício. Um dia, um vizinho ofereceu a minha mãe uma boa pastagem para o nosso rebanho; mas era bastante longe e estávamos no pino do Verão. Minha mãe aceitou o oferecimento feito com tanta generosidade e mandou-me para lá. Como havia perto uma lagoa, onde o rebanho podia ir beber, disse-me que era melhor passarmos lá a sesta, à sombra das árvores. Pelo caminho, encontrámos os nossos queridos pobrezinhos e a Jacinta correu a levar-lhes a esmola. O dia estava lindo, mas o sol era ardente; e naquela preguiosa árida e seca, parecia querer abrasar tudo. A sede fazia-se sentir e não havia pinga d'água para beber! A princípio, oferecíamos o

sacrifício com generosidade, pela conversão dos pecadores; mas, passada a hora do meio-dia, não se resistia. Propus, então, aos meus companheiros, ir a um lugar, que ficava cerca, pedir uma pouca de água. Aceitaram a proposta e lá fui bater à porta duma velhinha que, ao dar-me uma infusa com água, me deu também um bocadinho de pão que aceitei com reconhecimento e corri a distribuir com os meus companheiros. Em seguida, dei a infusa ao Francisco e disse-lhe que bebesse. – Não quero beber – respondeu. – Por quê? – Quero sofrer pela conversão dos pecadores. – Bebe tu, Jacinta! – Também quero oferecer o sacrifício pelos pecadores! Deitei, então, a água em a cova duma pedra, para que a bebessem as ovelhas e fui levar a infusa à sua dona. O calor tornava-se cada vez mais intenso. As cigarras e os grilos juntavam o seu cantar ao das rãs da lagoa vizinha e faziam uma grita insuportável. A Jacinta, debilitada pela fraqueza e pela sede, disse-me, com aquela simplicidade que lhe era habitual: – Diz aos grilos e às rãs que se caleem! Dói-me tanto a minha cabeça! Então, o Francisco perguntou-lhe: – Não queres sofrer isto pelos pecadores?! A pobre criança, apertando a cabeça entre as mãozinhas, respondeu: – Sim, quero. Deixa-as cantar. (MIL 46-48)

Brincávamos, um dia, sobre o poço já mencionado. A mãe da Jacinta tinha ali uma vinha pegada. Cortou alguns cachos e veio trazer-no-los, para que os comêssemos. Mas a Jacinta não esquecia nunca os seus pecadores. – **Não os comemos** – dizia ela – **e oferecemos este sacrifício pelos pecadores.** Depois, correu a levar as uvas às outras crianças que brincavam na rua. À volta, vinha radiante de alegria; tinha encontrado os nossos antigos pobrezinhos e tinha-lhas dado a eles. Outra vez, minha tia foi chamar-nos para comermos uns figos que tinha trazido para casa e que na realidade abriam o apetite a qualquer. A Jacinta sentou-se connosco, satisfeita, ao lado da cesta e pega no primeiro para começar a comer; mas, de repente, lembra-se e diz: – **É verdade! Ainda hoje não fizemos nenhum sacrifício pelos pecadores! Temos que fazer este. Põe o figo na cesta, faz o oferecimento e lá deixámos os figos, para converter os pecadores.** A Jacinta repetia com frequência estes sacrifícios, mas não me detenho a contar mais; se não, nunca acabo. (MIL 57-58)

Perguntei-lhe um dia: – Estás melhor? – Já sabes que não melhora. E acrescentou: – **Tenho tantas dores no peito! Mas não digo nada; sofro pela conversão dos pecadores.** - Quando, um dia, cheguei junto dela, perguntou-me: – **Já fizeste hoje muitos sacrifícios? Eu fiz muitos. Minha mãe foi-se embora e eu quis ir muitas vezes visitar o Francisco e não fui.** (MIL 59)